

# TODAS AS MINHAS MORTES

Para  
*Thomas e Bruno,*  
*todas as minhas vidas.*

# PREFÁCIO

POR LUIZ ALBERTO PY

Em *Todas as minhas mortes*, através da protagonista Laví, Paula Klien presenteia a todos com uma experiência única, íntima, intensa e visceral. No âmbito de uma celebração da vida em sua plenitude, a autora convida o leitor a mergulhar em suas profundezas e a emergir transformado por novos horizontes e conceitos repensados.

Mas não é somente a vida – real, rica e complexa – destaque desta obra. Ou sequer o que sobressai na fala da protagonista – a humanidade de todos nós. E nem mesmo as mortes – superadas e ressignificadas pelo que foi colocado no papel. É também a mulher. *Todas as minhas mortes* é uma ode à glória de ser plenamente mulher.

Apesar de ser tão feminino, o texto não apresenta qualquer laivo de feminismo. Não há conflitos,

queixas, recriminações ou disputas. O homem é recebido como parceiro e, como tal, valorizado, mesmo nas piores e mais difíceis situações. As diferenças de sexo se mostram sempre saudáveis – complementares, enriquecedoras e em total ausência de rivalidade. O acasalamento aparece como uma bênção da natureza.

Por trazer à tona questões sobre identidade, liberdade e poder, a autora também conduz o leitor a uma reavaliação das estruturas sociais e das narrativas dominantes.

Numa incrível aventura literária, contada com graça, arte e erudição, Paula Klien oferece uma miríade de imagens, metáforas e reflexões que enriquecem seu texto – bem elaborado e certo. Em tom confessional, a autora apaga a fronteira entre a vida e a ficção, enquanto mescla vivências reais com imaginárias.

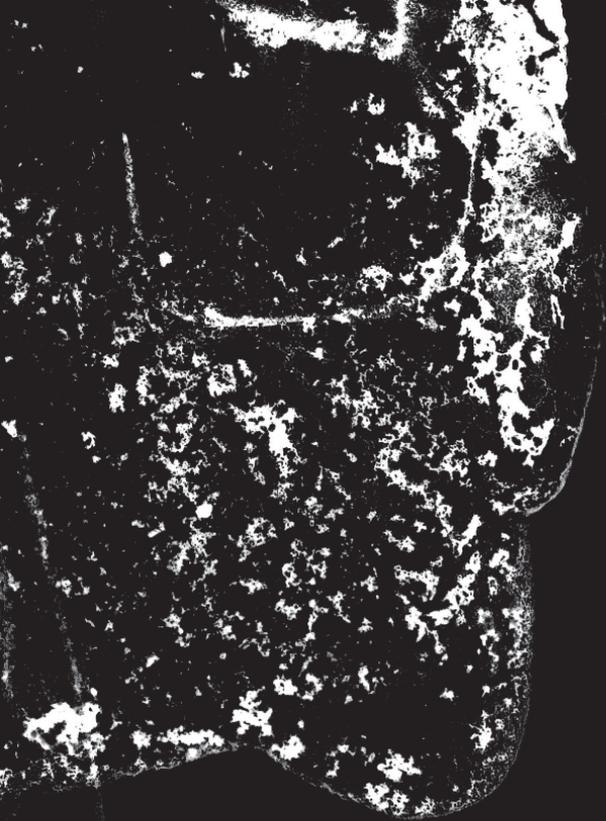
As palavras ressoam muito além das páginas do livro, deixando uma impressão instigante e duradoura na mente do leitor.

Paula Klien escreveu não apenas um livro, mas uma obra artística. Arte no melhor sentido: aquilo que toca nosso espírito e nos mostra a realidade sob novo vértice. Este é o compromisso dos verdadeiros artistas – reaprender o mundo de uma perspectiva que ilumina a nossa percepção pela emoção, dando nova dimensão ao que apreendemos.

**LUIZ ALBERTO PY** nasceu no Rio de Janeiro em 1939. É médico, psiquiatra, psicanalista, escritor e palestrante. É autor de nove livros, entre eles *Olhar acima do horizonte* – aprendendo com as coisas simples da vida, pela editora Rocco. Assinou durante dez anos a coluna semanal “Mistérios da alma” do jornal *O Dia* e, na revista *Caras*, escreveu a coluna “Amor”. Foi também conselheiro do sistema penitenciário do Rio de Janeiro, consultor do programa *Big Brother Brasil* (TV Globo) e cofundador/diretor da Associação Americana de Análise Transcultural. Foi professor nas faculdades de Medicina da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo e da Uerj, assim como em diversas sociedades de psicanálise. Ele é conhecido por sua abordagem humanista e existencialista da psicologia e da psicanálise.

**QUALQUER SEMELHANÇA  
É MERA COINCIDÊNCIA**





1

**TOCO SIRIRICA DESDE QUE ME ENTENDO POR GENTE.** Nunca pensei que fosse falar sobre isso. Não é bonito como tocar piano. Essa ficha me caiu ainda pequena – bem pequena –, quando ouvia da babá: “Vou contar pra sua mãe, hein?”, ameaçava ela com uma verruga no rosto, toda vez que me dava um flagrante. No espelho, eu era um monstro. Que se dane ser um monstro! Minha necessidade de resolver aquele tesão era maior que qualquer monstro.

Meu primeiro orgasmo foi aos cinco anos, depois de esfregar a pepequinha de todas as formas, até conseguir. É horrível estar quase gozando o tempo todo e não saber como chegar lá. É uma aflição que cresce como um espirro que não sai. Só que espirro, quando desanda, depois de uns instantes, fica tudo bem. Vontade de gozar, não! Fica aquela coisa ali – presa e causando desespero.

Os banhos eram tensos. Por causa da pouca idade, não imaginavam que eu pudesse tomar banho sozinha e, por não enxergarem quão sabida eu era, tinha sempre alguém para me lavar direito. Ser lavada na parte interna das coxas fazia meu sangue subir. Quando a mão ensaboada subia e deslizava pra lá e pra cá por dentro da fenda da minha xoxota gordinha, meu corpo inteiro pulsava. Discretamente, eu fechava com força as pernas para contrair lá

embaixo. Quando saía do chuveiro, outra vergonha: “Abre bem as perninhas para secar a periquita”. Aquela secada, com direito a umas batidinhas fofas da toalha na xereca, era suficiente para me deixar agonizando.

Tentava sair dali correndo para o quarto. Ia me esconder para siriricar. Um sufoco! Já arrumada, abaixava só um pouco a calcinha. Meus grandes lábios eram gorduchos, como os da maioria das crianças e, por isso, salientavam-se na vulva, dificultando meu trabalho. Não conhecia anatomia, mas sabia que dentro do rasgo tinha um lugar na parte superior que era muito sensível. Sempre que eu mexia com ele, inchava e latejava. Até que um dia, uma pequena protuberância apareceu. A princípio, fiquei assustada e tive medo de não voltar para dentro. Alguém veria depois – talvez a babá, um familiar, o médico ou sei lá quem mais via minha xoxota na época. Mas pulei esse pensamento e comecei a brincar na carne tenra que ficou para fora da fofinha.

Coloquei o indicador e o médio para trabalharem juntos, em movimentos de todos os tipos. Um formigamento tomava conta do meu corpo e o ar começava a faltar. Tive medo – lembro bem. Só que ficar no meio do caminho seria insuportável. Estava entrando em sofrimento – uma tortura! A xereca estava assada

e ardendo, mas não me restava outra opção senão colocar mais velocidade e intensidade na mãozinha já tão cansada.

Eis que, enfim, fui derrotada. Sem volta, fui consumida por convulsões, choques, tremores e movimentos aleatórios. O sangue se espalhou por todas as partes de mim. Os olhos queriam fechar. Os pensamentos queriam adormecer, mas não podiam. Eram muitos. O que era aquilo? O que tinha acontecido comigo? Eu estava viva? Eu estava toda melada. Não tinha tempo para pensar tanto. Alguém podia aparecer. Subi a calcinha e fiquei ali sentada de olhos arregalados fingindo assistir *Perdidos no Espaço*. “Ele não computa! Ele não computa!”, dizia Robot na TV, balançando os braços. Sem forças para levantar os bracinhos, eu também não computava.

\*

Recobrada a consciência, descobri que estava viva, sim – e como! Mas parecia ter morrido. Já sabia o que era morte naquela época. Ouvia falar, sentia tristeza nas pessoas, sentia coisas – muitas coisas. Só parecia ter morrido de morte não morrida: morte boa aquela – a melhor do mundo! Depois disso, fiquei querendo morrer mil vezes por dia. Perder para minha consciência, já tão consciente, virou hábito.

Anos depois, fiquei sabendo que essa experiência tinha sido minha primeira “Pequena Morte”, como dizem os franceses sobre o orgasmo. *La Petite Mort!* Ah, que maravilhosos esses franceses!

Às vezes gosto de pensar que nasci na França. Eu me sinto muito francesa. Mas nasci no Brasil – no fervor do Rio de Janeiro! Não tem muito a ver comigo, não fossem os encontros marcados nessa existência, a começar pela calorosa recepção do meu nascimento.

Como um troféu, lá estava eu: de peruca preta densa, na saída sanguinolenta da vagina da minha mãe para os braços do meu pai. E depois, de volta à minha mãe, avós e tios. Uma alegria só! Isso enquanto eu berrava copiosamente, como nunca tinham visto – dizem. Parecia autoexorcismo. No meio do “pega a cabeluda chorona” daqui, “pega a cabeluda chorona” de lá, médicos examinavam para conferir se estava tudo bem. Para a felicidade geral dos exaltados, ufa, estava. Berrei com potência de Pavarotti por quase meia hora. Berros de extensa duração, tirados do fundo sabe-se lá de onde. Berros graves em estilo animal: animal inédito. Berros que, se eternizados em disco de vinil e produzidos ao mix de canto de baleia com urso rugindo feroz, teriam sido sucesso.

Cheguei com fome – querendo devorar a mim mesma. Faminta por me cavar buracos no corpo, na

alma, nos sabores e nas dores. Uma vontade enorme de mundo, mas não da casca – do miolo. Por arrancar verdades por trás de tintas e papéis de parede. De enfeites, portas, muros e olhos. Por baixo dos panos, dos tapetes, das poses e por todos os lados – todos os ângulos de cada palavra.

Estava sendo minha primeira vez nessa vida. Morri da outra e agora estava nessa. Por algum motivo estranho, nasci sabendo que estar renascendo naquela hora seria só um gostinho de primeira vez. Eu sabia que ressuscitar e ressurgir das cinzas seria para mim como o vai e vem das baquetas, nos surdos de marcação que tocavam do lado de fora do hospital em homenagem a minha chegada. Sim, porque foi contratada uma bateria de escola de samba, com assistas e tudo mais a que se tem direito. Eram três e meia da madrugada quando resolvi sair para o lado de cá, mas ninguém estava preocupado com confusão. Era 1968 – o ano!

Cansada, minha fera adormecida caiu em sono profundo. “Não dissemos que as palavras iriam te procurar?”, me perguntaram os astros. E não é que estavam certos? Lá estava eu, sentindo pela primeira vez a entrada e a saída do ar nos pulmões, e também já negociando com elas – as palavras. Pedi que não tivessem pressa e que chegassem devagar. Adoro uma selvageria lenta. Peraí, como já sabia disso?

Ademais, não queria ser leviana. Nunca subestimei o poder das palavras. Curam, mas também fazem o diabo quando estão no lugar errado. Caso decidisse assumi-las um dia, queria me responsabilizar por elas. Só que, eita, já no primeiro movimento avançaram aflitas, cheirando meu corpo de bebê recém-parido, para tomarem posse. Abri os olhos assustada e cortei o barato: “Nossa, vocês são um perigo!”. Recuaram e disfarçaram uma lágrima caída. Depois duas, três – e choraram. Tinha esquecido das palavras sensíveis e de todas as outras. Estão vendo como se deve pisar em ovos? É preciso negociar. Mas eu: eu já vim na condição de só aceitar compromissos sendo original – podendo ser eu mesma –, sem ferir, preservando minha essência. “Como assim não existe um eu verdadeiro?”, perguntei aos astros, depois de ter escutado vozes filosóficas do além. “São eus inventados?”

O monstro da siririca, por exemplo, foi criado para caber no mundo das inverdades. Os adultos precisam delas. Já que era um monstro, fiz dele um monstro e tanto. Assassinei, a sangue frio, uma inocência que nunca existiu. “Oh! Morreu tão precocemente!”, lamentariam entendedores de todas as coisas.

Inventariam “Histórias do Arco da Velha” para justificar tal morte. Prevendo atrocidades, fiz uma gaveta imaginária para ele – o monstro. Assim, ninguém

saberia o que ele pensava. Não saberiam do que ele era capaz, os falsos inocentes.

No início, era só eu e minha pepequinha. Tornei-me uma siririqueira virtuosa – de habilidade ímpar. Até Beethoven ficaria intimidado. O tempo e a prática fizeram com que o tesão voasse longe com meus pensamentos. Ele me encontrava em lugares absolutamente sórdidos. Eram pensamentos que se originavam ou em outras vidas, ou no âmago da minha essência devassa. De outro lugar é que não vinham.

Para meus pensamentos obscenos, reservarei obra inteira. Porque, ah, eles merecem! Mas antes, quero falar de outras coisas e, também, do meu *gavetoeiro*.

\*

*Gavetoeiro* é palavra do meu dicionário particular: *ga.ve.to.ei.ro* – substantivo masculino (sm) – Árvore *gavetulus imaginaris*, da família *guardatus*. Ou, simplesmente, *árvore* de gavetas imaginárias. Consta em meu Código Penal, igualmente particular, artigo que reza sobre infração contra ele: “Será imputada morte lenta e dolorosa, a quem ousar, por motivo que seja, causar bagunça ou desordem em meu *gavetoeiro*”. Ainda reza o Código que “não caberá prova qualquer sobre o dolo, pois o mesmo Stellium com seis planetas em virgem que me confere a qualidade de separar

o joio do trigo com maestria, garante o cálculo da limpeza perfeita de um crime hediondo”. Cabe salientar que este código tem lugar na gaveta das vontades malvadas, trancada a Sete Chaves – “Amém!”.

Plantei o *gavetoeiro* na minha cabeça na mesma época em que construí o monstro da siririca – lá pelos cinco aninhos. Enfiei a semente da árvore no lado direito dela – mais precisamente onde encontrei um cavalo-marinho. Soube, mais tarde, que esse lugar se chamava hipocampo e que era capaz de guardar coisas. Não é incrível? Tinha encontrado um lugar de guardar coisas para plantar uma árvore de guardar.

Mais incrível ainda é reparar na hora perfeita de tudo. Meu *gavetoeiro* acabou ficando pronto só agora – juntinho com minhas palavras. De tanto me azucrinarrem desde a primeira soneca, acabaram me fazendo perceber que eram missão de vida. Eis que, sem saber, estava deixando crescer o *gavetoeiro* para transformar palavras em passarinhos e fazê-las voar.

O bom da árvore de gavetas é que dá para colocar de tudo – dá para organizar uma vida todinha. Cada um organiza como bem entende. Vai do gosto do freguês. Se alguém mais, além de mim, quiser plantar um *gavetoeiro*, posso ajudar. Só preciso avisar que dá trabalho e leva tempo. Mas, como tudo que exige esforço, recompensa. O *gavetoeiro* tem, até mesmo, o

poder de reverter para estado original a fabulosa riqueza do pacote *ser humano*, transformada em sucata pelas bagunças e confusões mentais. É uma alquimia!

Depois de plantar a semente na cabeça, tem que brincar com os pensamentos. Tem que fazer com que criem raízes e que elas, então, se aprofundem. Nos troncos, tem que criar galhos, folhas e tal. Daí, é só começar a criar gavetas: gavetas com divisórias, chaves, cadeados e ganchos. Em seguida, é só pendurá-las nos galhos. É bom que se tenha um regador para estar sempre umedecendo a árvore, e é indispensável que se ofereça boa luz a ela. Todo cuidado é pouco. Não é bom ter muita coisa. As escolhas são muito importantes. Outra observação valiosa é sobre a manutenção: tudo tem que estar sempre limpinho e cheiroso. Indico mandar tudo que já não tem serventia e tudo que já morreu para a gaveta das memórias enterradas. Quando sentir saudade, é só visitar. Mas aconselho que fique longe do resto, sabe? Graças ao *gavetoeiro*, enterrei na gaveta da morte meus eus que teriam sido inventados – quase todos eles. Para o mundo, entreguei *eu*.

★

Ela veio do submundo – a tal semente necessária para se plantar *gavetoeiro*. Foi-me dada de presente

por uma velha amiga, muito íntima, chamada Perséfone. Apesar de não haver rede social na época, por estarmos falando de uma Grécia mitológica surgida por volta do século 8 a.C., Perséfone tinha milhares de seguidores e era muito influente. Foi batizada com o nome de Cora por seu pai Zeus – deus dos deuses – e por sua mamis Deméter – deusa da agricultura. Minha querida amiga – a virgem Cora – foi raptada por Hades – deus do mundo inferior –, um safadão. Ele ficou gamado na Cora. Mas Deméter – a mamis – ficou tão arrasada que, com sua tristeza, secou o solo, tornando-o infértil.

Enquanto isso, lá nas profundezas, Cora se tornava Perséfone: deusa do submundo, junto ao seu raptor e, agora, marido. Isso por ela ter aceitado dois grãos de uma romã oferecidos por ele. Romã... sei bem.

Zeus ordenou que Hades permitisse, então, que Perséfone passasse parte do tempo junto à mãe, porque a terra não podia secar. Foi daí que nasceram as estações do ano e os ciclos da vida. Uma coisa meio plutoniana, sabe? Então, Perséfone passou a ser a deusa da fertilidade e a todo-poderosa do Reino dos Mortos.

No final, acabou se dando muito bem – acho eu. Durante o inverno, ficava em seu mundo inferior. Além de desenvolver intuição e sensibilidade, era

naquela ebulição que a gente pode imaginar que ela energizava seu sagrado feminino e seu poder de criação. Depois, ia toda toda, se achando, lá para cima. Durante a primavera, o verão e o outono, tudo que plantava, dava. Por isso, tem sempre um ramo de trigo como símbolo de abundância e prosperidade associado à imagem da dita-cuja.

Diz-se, como outra hipótese, que a romã pode estar relacionada à primeira menstruação da minha amiga Perséfone. Ela faz mistério sobre isso. Mas, para mim, o babado da romã é outro. A minha primeira, com certeza, não foi depois de comer romã. Foi do nada! Fiquei “mocinha”, como se diz, num 21 de abril, feriadão nacional de Tiradentes, aos onze anos. Apesar da maturidade sexual precoce e dos meus pensamentos, digamos, avançadinhos, desconhecia o assunto. Minha mãe não havia me avisado. Ou havia? Não, ninguém havia me avisado. Eu já tinha peitinhos – e grandes! É louco isso? É.

Enfim, lá estava eu na praia, brincando de capturar tatuís dentro de uma piscininha em um banco de areia, quando um menino mais velho, apontando para a calcinha do meu biquíni, falou: “Você está sangrando!”. Abri as pernas, fiquei corcunda para me olhar e levei um susto. Meu biquíni canelado, que era *Verde Clinique*, estava todo vermelho! Levantei e corri

para minha mãe. Gritei sem a menor vergonha pela areia: “Estou sangrando! Estou sangrando!”. Minha mãe levantou, me pegou pela mão e me levou para casa, que era em frente à praia.

Pelo silêncio que pairou na maresia, entendi na mesma hora que todo mundo sabia de alguma coisa que eu não sabia. Fiquei com um ódio mortal. Só conseguia pensar na raiva que eu sentia. Mas ok. Estava esperando o que minha mãe tinha a me dizer. Ela foi direta. Explicou tudo, bem assim: “Daqui por diante, você vai sangrar todos os meses”. E, com um troço tijolento branco, que parecia cheio de algodão por dentro, nas mãos, completou: “Está aqui o absorvente que você tem que colocar. Todas as vezes que estiver encharcando, você tem que trocar”. Nada elucidativa, porém, com certeza, o melhor que conseguia fazer na época. Não era falta de amor. Era a forma como tinha sido criada, misturada à falta de experiência. É das coisas que as mães – todas elas, mais tarde – se cobram por acharem que podiam ter feito melhor.

Horas depois, passei a sentir uma dor dilacerante na parte baixa da barriga, e coágulos gigantes começaram a sair da periquita. A quantidade de sangue só aumentava. Tudo parecia bizarro para quem não sabia de nada. A cada minuto, um novo susto. Comecei a imaginar que, a qualquer instante, poderia sair um

jacaré de dentro de mim. Aquilo foi um choque. A partir dali, eu estaria fértil, e minha infância, enterrada.

\*

Desde sempre, coisas que todo mundo sabe não são coisas do meu saber. Uma das provas está no relato que acabei de fazer, à la Carrie, a *estranha*, toda manchada de sangue na praia. Mas está longe de ser sobre isso. É sobre tudo. Ainda pequena, me dei conta de que precisava desligar a tomada que me ligava aos conhecimentos óbvios do mundo. Entendi que excesso de informação anulava sinais. E eu, eu preciso deles para viver.

Sempre soube das coisas invisíveis – as que ninguém mais sabe. É um mistério que eu gosto – ah, como gosto. Segui amando a criança que insistiu em morar em mim, apesar da infância que desceu sangue abaixo. A criança que tudo me ensina sem nada saber. Ela não sabe fazer contas, mas faz cálculos como ninguém. Por causa dela, quase sempre desconfiei do futuro. E não é que estava quase sempre certa? A parte ruim disso é a ansiedade – absolutamente inevitável. A parte boa é a vontade de lambe o mundo antes que derreta.



Continue a leitura, receba  
um exemplar em sua casa.

[Clique aqui.](#)